







SUZANNA DOURADO DA SILVA ¹  SIMONE RODRIGUES DOS SANTOS GOMES ²  LAISSE ANDRESSA NASCIMENTO DOS SANTOS ³  EDNAIR RODRIGUES DO NASCIMENTO ⁴  JÉSSICA RIBEIRO SOUSA ⁵ 
MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO SILVA ⁶ 

ARTÍCULO ORIGINAL

Feminismo transcendente: as práticas vivenciais de nossas avós

Recepción: 7 de enero de 2024 ▶ **Evaluación:** 19 de julio de 2024 ▶ **Aceptado:** 24 de julio de 2024

- 1 Licenciada em Geografia pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL. Bacharela em Administração de Empresas com habilitação em Marketing pela União Educacional do Norte – UNINORTE. Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. Doutorado-sanduíche na Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas – GENTEH/UNIR. suzannadourado@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3084-9529>
- 2 Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Culturas Amazônicas - GEPCULTURA/UNIR. simogurinhem@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9673-1219>
- 3 Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e Letras de Rondônia – FARO. Bacharel em Fonoaudiologia pela Faculdades Integradas Aparício Carvalho – FIMCA. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas – GENTEH/UNIR. laiscecristo@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3307-5191>
- 4 Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Rondônia. Mestre em Geociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Biologia Experimental (CIBEBI). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. ednair.nascimento@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2119-4460>
- 5 Licenciada em Artes visuais pela Universidade Federal de Rondônia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGENERO. jessicapediem@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0004-5497-2603>
- 6 Pós-Doutorado em Geografia Humana, na Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. Doutora em Ciências Socioambiental e Desenvolvimento Sustentável, pelo Núcleo de Altos Estudos da Amazônia - NAEA da Universidade Federal do Pará, Mestre em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo - USP, Graduada em Geografia pelas Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Professora Associada do Departamento de Geografia e docente do quadro permanente do programa de pós-graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGENERO. mgsnsilva@unir.br. <https://orcid.org/0000-0002-1758-4116>

- 1 Utiliza-se o termo “sujeita” para referir-se a uma pessoa do gênero feminino que não tem seu nome enunciada, ou seja, permanece indeterminada.



Sugestão de citação. Dourado da Silva, S., Santos Gomes, S. R. dos, Santos, L. A. dos, Nascimento, E. R. do, Ribeiro Sousa, J. & Nascimento Silva, M. G. S. (2024). Feminismo transcendente: as práticas vivenciais de nossas avós. *Perspectiva Geográfica*, 29(2), 1-21. <https://doi.org/10.19053/uptc.01233769.17069>

Resumo. O presente artigo explora as práticas feministas legadas por nossas avós, por meio da transcendência, mesmo que no cotidiano a palavra não seja mencionada e/ou conhecida pelas sujeitas¹, mas que em sua essência está presente, pois é transmitida por meio de conselhos; narrativas; ditados populares; e experiências vividas, adquire uma natureza racional, e que foram apreendidas pelas pesquisadoras de maneira orgânica, incorpora-as à consciência como verdades absolutas em relação às ações e práticas feministas. No decorrer da pesquisa, foram explorados conceitos relacionados a transcendência e acesso interior, conforme abordados por autores como Husserl (2006) e Stein (2003). A investigação também se fundamentou nos estudos sobre memória coletiva e individual, com referências em Halbwachs (1990) e Bachelard (2008). Adicionalmente, a abordagem adentrou o campo da geografia feminista na Amazônia brasileira, utilizou as contribuições de autoras como Simonian (2001), Nascimento Silva (2000; 2004; 2011) e Dourado da Silva (2017; 2020). O método adotado é a fenomenologia, a qual busca compreender o fenômeno em si mesmo, conforme a abordagem empática de Stein (2003). Os procedimentos metodológicos de pesquisa incluíram a análise bibliográfica, entrevistas e, sobretudo, os relatos de vida, tanto coletivos quanto individuais. Ao longo desse percurso, aprofundou-se na exploração dos relatos das próprias experiências das entrevistadas, em que revelou a grande importância dessas vivências na formação de mulheres resilientes diante de um sistema patriarcal opressivo, o qual apontou que mesmo diante dos enfrentamentos, estas lograram alcançar o empoderamento feminino, que se destaca nas seguintes categorias: luta contra estereótipos e expectativas sociais; foco na educação dos filhos; resiliência e enfrentamento de adversidades.

Palavras-chaves: *Geografia e gênero; Feminismo na Amazônia; Vivências supraindividuais; Fenomenologia.*

Transcendent feminism: the experiential practices of our grandmothers

Abstract. This article explores the feminist practices bequeathed by our grandmothers, through transcendence, even if in everyday life the word is not mentioned and/or known by the subjects, but which in its essence is present, as it is transmitted through advice, narratives, popular sayings, and lived experiences. It acquires a rational nature and was apprehended by the researchers in an organic way, incorporating them into consciousness as absolute truths in relation to feminist actions and practices. In the course of the research, concepts related to transcendence and inner access were explored, as addressed by authors such as Husserl (2006) and Stein (2003). The investigation was also based on studies on collective and individual memory, with references in Halbwachs (1990) and Bachelard (2008). Additionally, the approach entered the field of feminist geography in the Brazilian Amazon, using the contributions of authors such as Simonian (2001), Nascimento Silva (2000, 2004, 2011), and Dourado da Silva (2017, 2020). The method adopted is phenomenology, which seeks to understand the phenomenon itself, according to Stein's (2003) empathetic approach. The methodological

procedures of the research included bibliographic analysis, interviews, and, above all, life reports, both collective and individual. Along this path, she delved into the exploration of the reports of the interviewees' own experiences, in which she revealed the great importance of these experiences in the formation of resilient women in the face of an oppressive patriarchal system, which pointed out that even in the face of confrontations, they managed to achieve female empowerment, which stands out in the following categories: fight against stereotypes and social expectations, focus on the education of children, resilience, and facing adversity.

Keywords: *Geography and gender; Feminism in the Amazon; Supra-individual experiences; Phenomenology.*

Feminismo trascendente: las prácticas vivenciales de nuestras abuelas

Resumen. Este artículo explora las prácticas feministas legadas por nuestras abuelas a través de la trascendencia, aunque en la vida cotidiana la palabra no sea mencionada y/o conocida por los sujetos. Sin embargo, en su esencia está presente, ya que se transmite a través de consejos, narrativas, dichos populares y experiencias vividas. Estas prácticas adquieren un carácter racional, y fueron aprehendidas por las investigadoras de manera orgánica, incorporándose a la conciencia como verdades absolutas en relación con las acciones y prácticas feministas. En el transcurso de la investigación se exploraron conceptos relacionados con la trascendencia y el acceso interior, abordados por autores como Husserl (2006) y Stein (2003). La investigación también se basó en estudios sobre memoria colectiva e individual, con referencias en Halbwachs (1990) y Bachelard (2008). Además, el enfoque incluyó el campo de la geografía feminista en la Amazonía brasileña, utilizando los aportes de autores como Simonian (2001), Nascimento Silva (2000, 2004, 2011) y Dourado da Silva (2017, 2020). El método adoptado es la fenomenología, que busca comprender el fenómeno en sí, de acuerdo con el enfoque empático de Stein (2003). Los procedimientos metodológicos de la investigación incluyeron el análisis bibliográfico, entrevistas y, sobre todo, relatos de vida, tanto colectivos como individuales. A lo largo de este camino, se profundizó en la exploración de los relatos de las propias experiencias de las entrevistadas, revelando la gran importancia de estas experiencias en la formación de mujeres resilientes frente a un sistema patriarcal opresivo. Estas experiencias señalaron que, aun frente a los enfrentamientos, las mujeres lograron alcanzar el empoderamiento femenino, el cual se destaca en las siguientes categorías: lucha contra los estereotipos y expectativas sociales, enfoque en la educación de los niños, y resiliencia y enfrentamiento de la adversidad.

Palabras claves: *Geografía y género; Feminismo en la Amazonía; Vivencias supraindividuales; Fenomenología.*

Introdução

No tecido intrincado das vidas cotidianas, um fenômeno sutil, muitas vezes não nomeado, mas profundamente enraizado, revela-se nas práticas diárias das mulheres. Este artigo mergulha nas práticas feministas legadas por nossas avós, uma herança transmitida por meio de conselhos sábios, narrativas envolventes, ditados populares e experiências de vida que transcendem gerações. Embora o termo “feminismo” possa não ecoar rotineiramente nas conversas dessas mulheres, sua essência permeia suas ações, adquire uma natureza racional que se torna parte integral de suas vidas.

A trajetória de vida de cada entrevistada aponta para a força feminina que fez ecoar vozes, atitudes e direcionamentos para muitas outras mulheres, alcança a nós, as netas. Por meio desse processo de ensinamento, continuamos a resistir ao sistema patriarcal, mediante a utilização das maiores armas que poderíamos ter: educação e informação, e assim, Simonian (2001) ressalta:

[...] a dimensão do desenvolvimento humano tem sido marcada por condições de pobreza, às vezes exacerbada, e de analfabetismo e mesmo desencanto, caracterizando um distanciamento cada vez maior do exercício da cidadania. Mesmo assim, muitas delas se têm revelado pelo seu heroísmo, pois os interesses dos filhos, da família e mesmo da comunidade quase sempre são por elas colocados em primeiro plano (Simonian, 2001, p. 28).

Durante longos anos, nossas antepassadas foram privadas do acesso à educação, bem como a liberdade do próprio corpo com suas tomadas de decisões, o que subtraiu suas garantias fundamentais como seres humanos. Todas as privações que enfrentaram resultaram no acúmulo de desvantagens sociais, levaram-nas a quadros de extrema vulnerabilidade social. Essa situação, que já é bastante injuriosa, se agrava quando se trata das mulheres negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas/beiradeiras, extrativistas, camponesas/campesinas e daquelas que pertencem ao cerne da Amazônia brasileira (Dourado da Silva, 2020).

Para evidenciar as vozes dessas mulheres que foram silenciadas por tantos anos, e usurpadas de seus direitos fundamentais como seres humanos, apresentamos este artigo para valorizar não apenas suas posições como matriarcas, mas principalmente como mulheres de atitudes arrojadas. Mulheres estas, que mesmo diante das difíceis situações impostas pelo sistema patriarcal, conseguiram avançar, muitas vezes com feridas que sangraram a ponto de fazer desistir de tudo. No entanto, seguiram adiante, e transmitiram seus ensinamentos para suas filhas e seus filhos, posteriormente, para nós, suas netas. O objetivo é evidenciar todo o percurso delas, com a valorização da jornada pessoal e intelectual de cada uma, e reconhecer a importância destas histórias no processo formativo de mulheres que lutam pela equidade de gênero.

Neste sentido, apresentamos o relato de cinco avós: Ana Maria da Conceição (★05/05/1900 - †13/06/1997); Irene Dourado de Souza (★17/03/1914 - †11/08/1998); Alaíde Bispo do Nascimento (★22/09/1914 - †05/06/2015); Maria Lucia Martiniano de Sousa (★15/04/1947 - †04/10/2023); Maria José Nascimento dos Santos (★08/06/1941 - † 28/03/2024). Suas histórias são aqui relatadas por suas netas por meio de relatos de vida, coletivo e individual, por meio do acesso interior em uma perspectiva de Halbwachs (1990) e Bachelard (2008).

Nesta tratativa, tem-se que a ideia central de Halbwachs (1990) é que a memória não é apenas uma experiência individual, mas é construída socialmente dentro de grupos e comunidades. Ele argumentava que as lembranças individuais estão ligadas às experiências compartilhadas e as interações sociais. As pessoas recordam eventos do passado em relação às suas relações sociais, identidade grupal e contexto cultural.

Logo, Halbwachs (1990) também introduziu o conceito de “quadros sociais da memória”, que são estruturas sociais que moldam e influenciam como as pessoas se lembram de eventos passados. Isso significa

que a memória coletiva é moldada e influenciada pelo ambiente social em que as pessoas vivem. Isso significa que todos os momentos de convivência com nossa comunidade estão sendo criadas memórias, bem como acessadas e manifestadas, de acordo com o ora desvelado pelo mundo circundante.

No contexto da memória coletiva e individual, acresce-se das afirmativas de Bachelard (2008), em que nos transmite a ação do acesso interior ou revisão da consciência, em que este examina como os espaços físicos e os ambientes nos influenciam emocional e psicologicamente.

A ideia central em Bachelard (2008) é que os lugares têm uma influência significativa em nossas experiências e memórias, e que nossa relação com o espaço é mais profunda do que simplesmente uma questão física. Bachelard (2008) propõe uma poética do espaço, uma abordagem que vai além da função utilitária dos espaços e explora as dimensões poéticas e emocionais associadas a eles.

No contexto do acesso interior, Bachelard (2008) sugere que podemos visitar a consciência ao explorar os espaços interiores da nossa mente, muitas vezes moldados por lembranças e imagens associadas a espaços específicos. Ele examina como a introspecção e a memória estão ligadas aos espaços físicos e como os espaços materiais e imateriais podem influenciar nossos pensamentos e emoções.

Halbwachs e Bachelard não dialogaram entre si, mas vemos uma sincronia em seus dois principais estudos, com a possibilidade de acessar o interior (Stein, 2003) e manifestar por meio das memórias coletivas e individuais. Desta maneira, nos ancoramos nestes conceitos para dar o embasamento teórico no reavivamento das tradições repassadas por meio da transcendência, que neste artigo tem a definição de estar conectada à uma realidade imaterial e subjetiva, repassada por nossas ancestrais por meio de seus valores vivenciados.

Método e metodologia

O método fenomenológico foi adotado como abordagem principal, e que busca compreender os fenômenos em sua essência real, conforme proposto por Husserl (2006). A abordagem fenomenológica, segue o caminho para alcançar as “coisas mesmas”, conforme preconizado por Husserl e seus discípulos, em que estabeleceu conceitos específicos para compreender a manifestação dos fenômenos.

O método adotado baseia-se na empatia, conforme formulada por Edith Stein (2003), que pretende conhecer a pessoa humana. Essa escolha é fundamentada na melhor maneira de compreender o objeto de estudo proposto, uma vez que ao conhecer a estrutura da pessoa humana em sua tríade corpo-alma-espírito, pode-se compreender o sujeito que está ante a mim, que possui suas características singulares, mas que se tem a mesma estrutura humana, e esta prerrogativa podemos compreender o que é o ser humano, bem como os demais entes presentes no mundo.

Compreender os entes e o *outro* eu, possibilita adentrar em camadas mais profundas dos sujeitos, além de oportunizar o acesso interior. Neste sentido, conhecer e acessar o *eu* interior e chegar ao *outro eu*, indaga-se sobre como o constructo do mundo influencia os sujeitos, isto é, explora a capacidade de acessar camadas mais profundas da consciência humana. A fenomenologia proporciona uma nova atitude de compreensão das coisas por meio de um método inovador. A filosofia transcendental, ou seja, a atitude fenomenológica, desenvolve-se por meio de uma reflexão analítica das coisas, e que busca trazer para a consciência presente o que se desenvolve de maneira real, pura ou originária.

O método fenomenológico proporciona uma abordagem aberta para pesquisas que buscam descrever a ciência do pensamento. Este método permite o registro das vivências, a análise das memórias e preocupa-se com a fidelidade à realidade.

O presente artigo surgiu da necessidade de manter vivas as memórias e os ensinamentos de nossas antepassadas. A ideia teve origem em uma disciplina de Geografia e Gênero, onde se percebeu que muitas das lutas profundamente enraizadas em inúmeras mulheres provêm da ancestralidade. Essas antepassadas reivindicaram espaços e oportunidades, o que oportunizou a nossa ascensão no mundo.

Durante as aulas, tornou-se evidente a importância de registrar as memórias compartilhadas ao longo dos anos por meio de ensinamentos, contos, relatos de vida e conselhos. Estes ensinamentos não apenas moldaram nossas vidas, mas também contribuíram diretamente para a luta pelos direitos de nós mulheres em todos os espaços de diálogo que compartilhamos.

Através deste artigo, busca-se honrar e preservar o legado dessas mulheres que nos precederam, ao destacar suas contribuições significativas e inspiradoras. Ao revisitar suas histórias e sabedorias, reafirmamos a importância de continuar a luta pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres em todas as esferas da sociedade.

Com ênfase nesse contexto, a compreensão das sujeitas viventes foi buscada por meio dos relatos de vida, exploradas suas realidades, convivências e registros de memória, possibilitadas principalmente pelo acesso interior, em um composto de vivências e experiências que fazem parte de uma memória coletiva e individual. Esses relatos proporcionam uma compreensão do eu externo como expressão do que é vivenciado internamente, contribuem para a expansão do horizonte individual e coletivo.

As técnicas metodológicas adotadas vão ao encontro com o método, pois permitem o acesso e compreensão do ora transmitido, assim, contou-se com entrevistas, com transcrição destas; relatos de vida, que ocorreu a partir de um acesso interior; compartilhamento das informações com familiares e com as avós para desvelamento de informações já nubladas; além da pesquisa bibliográfica para subsidiar o constructo teórico.

Desenvolvimento

Sejamos todas feministas

Sejamos todas feministas! Este chamamento que está em voga atualmente é bem mais antigo do que se imagina. Muitas literaturas sobre o feminismo nos levam a crer que a luta iniciou em meados do século XIX com a finalidade do direito ao voto (movimento sufragista) e o direito ao trabalho. Todavia, anterior a este movimento, as mulheres já faziam movimentos por direitos humanos, mesmo que na época estes ainda não eram garantidos a toda a humanidade. Michelle Perrot (1988), fala sobre a luta das mulheres pelo direito de dignidades mínimas a mulheres e crianças nas fábricas francesas, e como este movimento revolucionou o mundo e as lutas femininas. No entanto, as lutas feministas não são iguais em todos os aspectos, apesar do propósito principal ser comum a todas: a liberdade da pessoa humana com todas as garantias fundamentais, que só foram incluídas com a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, em 1948.

Neste sentido, Sojourner Truth, em 1851, no Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, proferiu o discurso "E eu não sou uma mulher?" (*Ain't I a Woman?*), onde realizou um chamamento para as questões de gênero das mulheres negras, revelou ao mundo que existem distinções no que se refere a luta de gênero. Não há uma luta prioritária, em sentido hierárquico, mas há distinções dentro os grupos, o que evidencia o que se conhece por interseccionalidade (Geledés, 2014; Silva *et. al.*, 2014).

Com ênfase nestas diferenças, pauta-se no feminismo amazônico, aquele protagonizado por mulheres viventes da Amazônia brasileira e que muitas vezes não possuem a informação de que seus atos são feministas, e que oportunizam/oportunizaram um legado importante para a discussão da temática dentro dos centros de investigações científicas. Nos referimos, especificamente, ao feminismo na Amazônia, mesmo

que algumas avós não sejam amazônidas, mas que seus protagonismos chegaram até esta vasta região, por meio de suas filhas, filhos, netas e netos. A Amazônia foi um berço para milhares de brasileiros, que migraram de vários locais da imensa pátria, principalmente do nordeste brasileiro, na busca de uma vida melhor.¹

A atuação da mulher na Amazônia brasileira é de elevada importância para o próprio desenvolvimento social e cultural desta população, bem como no equilíbrio da biodiversidade. Todavia, as ações destas sempre foram invisibilizadas ou deram outra conotação para esta atuação.

O processo de invisibilização feminina é uma ação desenvolvida há gerações, dentre estas, está a negação de sua atuação nos feitos que oportunizaram mudanças significativas na sociedade. Também se cita os processos de apagamento feminino, em que esta exclusão da história tem causado um dos maiores prejuízos às mulheres e à toda sociedade. Retirar a possibilidade de jovens se espelharem em suas antepassadas é torná-las sem referência, para que sejam ininterruptamente moldadas e destinadas aos objetivos traçados por uma sociedade machista e sexista (Dourado da Silva, 2020, p. 22).

A autora aborda o fenômeno da invisibilização feminina, uma prática que se estende por gerações e que envolve a negação da contribuição das mulheres em eventos que foram fundamentais para promover mudanças significativas na sociedade. Esse processo inclui, ainda, os chamados “processos de apagamento feminino”, nos quais a exclusão das mulheres da narrativa histórica resulta em um dos maiores prejuízos não apenas para as mulheres, mas para a sociedade como um todo.

Ao destacar a negação da atuação feminina nos feitos históricos², a autora chama a atenção para a injustiça que ocorre quando as mulheres são omitidas dos registros e reconhecimentos. Essa omissão não apenas desconsidera as contribuições reais das mulheres, mas também perpetua estereótipos de gênero e limita a compreensão das gerações futuras sobre o papel das mulheres na construção da sociedade.

A referência aos “processos de apagamento feminino” destaca a seriedade do problema. Tem-se que a exclusão das mulheres da narrativa histórica não é apenas uma questão de omissão, mas sim um ato ativo de apagamento, implica que as mulheres são sistematicamente removidas ou negligenciadas nos registros históricos. Isso não apenas prejudica a imagem e o reconhecimento das mulheres, mas também impacta a sociedade como um todo, pois priva as futuras gerações de modelos e referências femininas.

Assim, ressalta-se a importância de reconhecer e visibilizar as contribuições das mulheres na história como modo de proporcionar modelos inspiradores para as jovens. Ao retirar essas referências, as jovens podem ser deixadas sem exemplos de mulheres que desafiaram normas sociais e contribuíram para mudanças positivas. Isso, por sua vez, pode perpetuar a moldagem contínua das mulheres para se conformarem aos objetivos de uma sociedade caracterizada pela presença de valores machistas e sexistas. Desta maneira, os relatos de vida de nossas avós possuem este papel de dar voz a tantas mulheres e assim confrontar e superar a invisibilização feminina para promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Memória coletiva e individual

Para dar voz e poder promover essa construção social, adentra-se na questão da memória, uma vez que muitas avós já são falecidas e partiu-se do ora apreendido

1 Vide mais em Calixto, Valdir de Oliveira; Souza, Josué Fernandes de; Souza, José Dourado de. *Acre: uma história em construção*. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1985.
Nascimento Silva, Maria das Graças Silva. *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo. Editora Terceira Margem, 2000.
Cruz, Tereza Almeida. *Mulheres trabalhadoras rurais em movimento: uma história de resistência – vales do Acre e médio Purus, 1988-1998* / Rio Branco: EDUFAC, 2010.

2 Vide mais em *O protagonismo invisibilizado da mulher na floresta da Amazônia-acreana*, disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/14831>

durante nossos anos de convívio, bem como as falas coletivas sobre nossas antepassadas, que criam em nós memórias. Sobre a memória como uma função coletiva, Halbwachs, (1990, p. 26) comenta: “em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Nessa perspectiva, o autor discorre que, em meio a esse tipo de organização, ressurgem lembranças vindas de maneira inconsciente e que acontecem em função da recordação que está ligada a algo.

Também neste sentido Bachelard (2008) se expressa, pois o espaço físico, bem como o abstrato, é conector para adentrar à consciência e vivenciar momentos, o que para Halbwachs é evidenciado como memória.

Tem-se que memória é uma importante função que preserva lembranças passadas por meio do acesso interior, vinculadas às experiências vivenciadas com pessoas do nosso convívio familiar e social. A memória é apresentada como um mecanismo que nos permite acessar recordações e pensamentos, constitui-se como um fluxo contínuo no qual estão conectados os resultados de práticas e vivências pretéritas.

A noção de participação como agentes sociais em momentos individuais e em grupos é destacada como uma parte fundamental das combinações interagidas que moldam as nossas lembranças (Bachelard, 2008). Isso sugere que as interações com outros indivíduos, tanto em contextos individuais quanto coletivos, desempenham um papel crucial na formação e consolidação das nossas memórias.

A expressão “combinações interagidas” enfatiza a complexidade das relações e experiências que contribuem para a construção das nossas lembranças. Cada interação social, seja ela singular ou coletiva, deixa uma marca única no fluxo contínuo da memória. Assim, esta transmite a ideia de que as experiências compartilhadas e os momentos vividos em conjunto

com outros indivíduos desempenham um papel vital na formação da narrativa pessoal e coletiva que compõe as nossas memórias.

Percebemos que a memória não é apenas como um repositório de eventos passados, mas sim como um processo dinâmico e contínuo, influenciado pelas interações sociais e pelas experiências compartilhadas que moldam as nossas lembranças e contribuem para a riqueza da nossa experiência pessoal e coletiva.

As memórias afetivas emergem no contexto de experiências individuais, coletivas e familiares, envolvem pensamentos que nos envolvem com uma pincelada de saudade. Quando recordamos os dias de infância, relembremos momentos em que compartilhávamos refeições, a memória presente da casa dos avós, os familiares e tantas outras recordações que emergem na consciência. A lembrança da refeição preferida, preparada com carinho pelas mãos das nossas avós, não apenas desperta a memória, mas também aciona a memória afetiva, cheia de saudosismo e de um passado que só pode ser revisitado no acesso interior. Como relata Halbwachs (1990, p. 51),

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenham com outros meios. Não é de se admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma comunicação de influências que são, todas, de natureza social.

Ao abordar o tema das memórias, é relevante destacar que a família, sendo o primeiro ambiente de interação social, desempenha um papel fundamental na introdução de conceitos como valores, crenças e comportamentos. Esses elementos constituem os alicerces dos ensinamentos que moldarão as ações ao longo da vida, transformam-nos em aprendizes dotados de recursos intrínsecos provenientes de bases subjetivas e supraindividuais.

Para Guattari (1992), a subjetividade se trata de uma conexão de sentimentos expressados de maneira individual ou coletiva, pode ocorrer como algo próprio: “[...] o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva” (Guattari, 1992, p. 19). Assim, a subjetividade é manifestada por meio individual e coletivo, sendo uma referência de fazeres relacionados a todo conjunto de ideia, emoções, sentimentos e pensamentos.

Neste sentido, tem-se que a supraindividualidade, conforme Stein (2002) são os aspectos que transcendem o indivíduo singular, abrangem dimensões mais complexas da experiência humana, como a intersubjetividade (a conexão do eu) com a comunidade (o outro eu). Assim, apreendemos que há uma interconexão entre as pessoas, assim como as experiências individuais passam a se entrelaçar e relacionar-se com a comunidade. Deste modo, o supraindividual – para além do individual – se refere à compreensão das experiências que ultrapassam a esfera individual, incluem as experiências compartilhadas pela comunidade.

Desde o momento em que nascemos, estabelecemos vínculos familiares que transcendem o âmbito individual, conforme delineado pela perspectiva supraindividual de Edith Stein (2002). As experiências compartilhadas no seio familiar não apenas moldam nossos modos de pensar e agir, mas também tecem laços profundos que ultrapassam as esferas moral, social, pessoal e interpessoal. Essa conexão é intrínseca, carregada da essência daqueles que nos transmitiram percepções fundamentais.

Ao explorarmos narrativas, relatos de vidas, memórias e as percepções vivenciadas fornecidas pelos membros da família, expandimos nosso conhecimento sobre suas vidas, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, além de que todos estes relatos passam a fazer parte de novas memórias que se criam e se moldam.

Entender o que nos trouxe até o presente é crucial, pois proporciona uma compreensão das transformações e evoluções ocorridas desde o passado, marcam a juventude de nossas avós até os dias atuais.

Acesso interior

Ao buscar compreender a estrutura da pessoa, não se almeja realizar uma análise estrutural abrangente do ser humano, pois, mesmo que compartilhem uma ‘estrutura’ semelhante, os indivíduos são intrinsecamente diversos. Há variações na expressão da dimensão psíquica, assim como na corpórea e espiritual, com alguns sujeitos apresentam esses aspectos mais acentuados, enquanto outros manifestam-nos de maneira mais sutil. Cada indivíduo é único, e assim tem-se a assertiva de Ales Bello (2006):

Esta é uma descrição geral, depois cada ser humano individual deve ser examinado pelas suas características próprias. Portanto, não se trata de uma universalização que não leva em conta os elementos concretos diferenciados. Mas para compreender como os seres humanos se apresentam, devemos compreender também como é a sua estrutura geral. (Ales Bello, 2006, p. 42)

A autora enfatiza a importância de uma abordagem balanceada ao examinar a natureza humana. A descrição inicial é apresentada como uma visão geral que serve como ponto de partida, mas ela também destaca que a análise detalhada de cada ser humano deve levar em consideração suas características individuais específicas. Ao mencionar que “não se trata de uma universalização que não leva em conta os elementos concretos diferenciados”, a autora alerta contra uma abordagem excessivamente generalizada que ignore as particularidades individuais, as singularidades. Cada pessoa é única, e a compreensão completa requer uma análise que leve em conta os elementos específicos e concretos que distinguem cada indivíduo.

No entanto, a autora salienta a relevância de compreender a estrutura geral dos seres humanos. Isso

implica que, embora a análise deva ser específica e individualizada, é igualmente valioso ter uma compreensão preliminar da estrutura comum que constitui a base da experiência humana. Essa base, proposta por Husserl (2006) e refinada por Stein (2003), desenvolve-se na compreensão das dimensões humanas, e permite uma apreciação dos indivíduos enquanto fenômenos que se manifestam. Não se pode regular nem mensurar plenamente os sujeitos viventes, a não ser por intermédio daquilo que eles expressam de si mesmos. Edith Stein, influenciada pela obra de Husserl e pelos estudos sobre entropatia e a natureza do ser humano, dedica-se a escrever sobre a pessoa humana, torna-se a base para explorar as narrativas e os acessos interiores que se revelam ao rememorar as experiências de nossas antepassadas.

A compreensão de como os indivíduos conduzem suas vidas, demonstram autonomia em suas dimensões psíquicas e espirituais, oferece uma fonte significativa de *insights*. Ao analisar o comportamento de nossas avós, por meio do reavivamento de suas memórias, podemos desvendar não apenas suas experiências, mas também avaliar se suas dimensões são cultivadas, ou não, a depender do modo como foram desenvolvidas no contexto do grupo ou ambiente ao qual elas pertenceram.

O ser humano é um fenômeno, ou seja, ele se mostra e dentro dele nós encontramos todos os atos que são também fenômenos e se manifestam. Através desses atos, nós chegamos a conhecer o que é o fenômeno corpo, o fenômeno psique, o fenômeno espírito. Dentro do ato da entropatia podemos conhecer também o que é o fenômeno do outro, que se manifesta em diversos grupos organizados como fenômenos. Essa organização pode ser massa, comunidade, sociedade ou Estado. (Ales Bello, 2006, p. 84)

Na passagem fornecida, a autora enfatiza que o ser humano é um fenômeno complexo, revela-se por meio de uma variedade de atos que, por sua vez, também são fenômenos distintos. Desse modo, ao observar e compreender os atos relacionados à entropatia,

é possível adquirir apreensão sobre o fenômeno do outro. Neste sentido, tem-se a complexidade do ser humano e a importância de observar e compreender seus diversos fenômenos e manifestações, em que se inclui as interações em contextos sociais mais amplos.

Nesta abordagem complexa da compreensão do ser humano e de como acessar as manifestações de caráter subjetivo, Bachelard (2006), Stein (2003) e Halbwachs (1990) exploram a capacidade dos indivíduos de armazenar e acessar, a partir do eu individual e coletivo, as vivências, experiências e memórias. Isso sugere que essas vivências e memórias permanecem latentes nos indivíduos, tornam-se ativas quando há um acesso interior para essas recordações. Diversas maneiras de evocar essas memórias estão disponíveis, como se sentar em uma cadeira e permitir o acesso interior, nos leva a um mundo de vivências compartilhadas; ao observar algo semelhante; ao sentir um cheiro característico ou ao ouvir um som específico. Múltiplas experiências no domínio corpóreo e psíquico pavimentam o caminho para a dimensão espiritual.

Ales Bello (2015), ao explorar essa compreensão das atividades psíquicas e corpóreas que manifestam o espiritual, destaca que apenas as atividades da dimensão espiritual constituem uma ação do eu. Em outras palavras, existe uma orientação para observar, acolher, refutar, entre outras ações, aquilo que é trazido à consciência. Assim, quando nos dirigimos a uma vivência ou memória e há um aprofundamento, trata-se de uma atividade atual do eu, evidenciam uma intencionalidade nesse ato.

Ao reconhecermos que o acesso interior às vivências e memórias representa uma atividade consciente do eu, abrimos espaço para uma compreensão mais aprofundada da manifestação dos aprendizados fornecidos por nossas mães, avós e todas nossas antepassadas, pois este ciclo vem de longe, e neste contexto uma parte delas, que vive em nós, pode ser manifestada. Inicialmente, é crucial considerar que essas nossas vivências e as experiências de nossas antepassadas,

estão entrelaçados em mundos com significados compartilhados, ao mesmo tempo em que possuem intensidades distintas. O acesso as vivências e experiências ocorre de modo singular, guiado pelas dimensões corpóreas e psíquicas em direção ao espiritual.

Resultados e discussão

Na intencionalidade de oferecer maior vivências dos relatos, cada pesquisadora trouxe o relato de suas avós, com entrevistas, no caso de uma avó que ainda é viva, e as outras que buscaram na memória as narrativas e as experiências compartilhadas. Cada voz ativa aqui trazida são válidas e possuem sua importância, e quando resgatadas da memória, voltam a ser atuais, como no dia que nos foram fornecidas. Esta é a mágica de ser uma pessoa humana, essa possibilidade de acessar a interioridade, reencontrar nossos familiares e compartilhar momentos.

Em respeito as nossas memórias e as de nossas avós, nossos familiares foram consultados, mas não no sentido de modificar uma memória, mas no sentido de desvelar alguma parte já quase silenciada e que ao tratar da mesma memória no coletivo, tem a capacidade de ampliação e a inclusão de outros detalhes, e neste aspecto apresentamos as nossas memórias das vivências e experiências de nossas avós.

Relatos de vida

História de vida de Ana Maria da Conceição avó de Simone Rodrigues dos Santos Gomes

POR AMOR A VIDA ME TORNEI PARTEIRA

No dia 05 de maio de 1900, nasceu Ana Maria da Conceição, conhecida como Ana Januário, por causa do seu pai, que se chamava Januário. Sua mãe se chamava Maria. Ana Januário é a avó materna da pesquisadora Simone Rodrigues dos Santos Gomes, que sempre teve o desejo de relatar a história de vida dessa mulher, que a ensinou tanto com sua sabedoria, resistência e simplicidade. Ana Januário casou-se com Jorge Vieira aos 25 anos e desse relacionamento teve quatro filhos

(Manoel Jorge, Maria, Quirina e Francisca). Porém, o casamento não durou muito tempo. Seu marido saiu para trabalhar em outro estado e acabou não voltando mais, abandonando a esposa e filhos. Ana Januário teve que ‘se virar’ sozinha para poder criar seus filhos. Dedicou-se à criação dos filhos com a ajuda de sua mãe, que ficava com as crianças, enquanto ela saía para trabalhar nas lavouras dos fazendeiros. Relatar a história dessa mulher é uma forma de reviver momentos que vivi e lembrar histórias contadas por ela. Ana Januário era uma mulher determinada, corajosa e resistente, não tinha medo de nada, ela sempre dizia que temos que encarar o sofrimento de frente porque a cada sofrimento tiramos uma lição para nossa vida. As histórias que ela contava de sua vida eram sempre muito significativas e cheias de sabedorias. Muitas vezes me perco com pensamentos distantes tentando imaginar como era a vida dos seus antepassados, como viviam! Recordo com carinho de uma foto em que se pode ver a casinha branca, no alto de uma colina, sendo essa a tão querida e aconchegante casa da minha avó no sítio Serra do Catolé, em Gurinhém-PB. Alguns anos depois, minha avó adoeceu e teve que sair de sua comunidade Serra do Catolé para morar com uma de suas filhas na cidade (Gurinhém). Ela sofreu muito com essa mudança por está acostumada na sua comunidade, criando, plantando e colhendo, ficou com sua filha por quase dois anos, até a sua morte. Ana Januário nasceu e viveu toda sua história na comunidade Serra do Catolé, localizada na cidade de Gurinhém, no agreste paraibano. Nessa comunidade, ela viveu sua infância junto a sua mãe, que ficou viúva muito cedo, e seus três irmãos (Manuel, Severino e José). Por causa das dificuldades financeiras, Ana Januário teve que ajudar sua mãe e seus irmãos desde pequena. Por amor a vida, Ana Januário tornou-se parteira na comunidade e dedicou sua vida fazendo um lindo trabalho. Ela sentiu o desejo de ajudar as mulheres da comunidade e quis aprender com as parteiras da comunidade esse ofício que prontamente se dedicava dia e noite. Ana Januário começou ajudando as outras parteiras, depois já fazia o parto de muitas mulheres assumindo o lugar de parteira, pois com o passar do tempo algumas haviam falecido ou por ser idosa já não exercia mais o ofício de parteira. Nascimento Silva (2004, p. 19) afirma que: “Como o saber dessa parteira não veio pelo carisma, ele vem pela tradição de família, ou pela tradição da comunidade, e o repasse desse saber é para garantir a tradição da profissão. Nesse sentido a parteira tradicional precisa da experiência de ser mãe para iniciar o aprendizado”. Assim, com essa afetividade e carinho da comunidade para com Ana Ja-

nuário, ela se tornava “mãe” pelo carinho, dedicação e respeito que tinha pela sua profissão de parteira. Quando nascia uma criança na sua comunidade ela já se tornava madrinha dessa criança e assim a maioria das pessoas que moravam na Serra do Catolé as chamava de madrinha, gostava muito de festa populares, como: novenas, carnaval, festas juninas e outros. No seu aniversário dia 05 de maio ela fazia questão de comemorar com todos e fazia uma festa linda! Ana Januário foi parteira, pois foi lhe transmitido esse saber através das parteiras mais velhas da comunidade. Ela relatava que para ser uma boa parteira era necessário saber não só pegar a criança na hora do nascimento, mas também conhecer as ervas medicinais, rituais que eram feitos durante a gestação da mulher, pois essa mulher era acompanhada por ela os nove meses de gestação. Ainda hoje as parteiras fazem uso de ervas medicinais e dos rituais simbólicos, para atender as mulheres na hora do parto. Minha tia, Geraldina, assim relata o trabalho realizado pela mãe: “O parto mais complicado que a minha mãe (Ana Januário) fez foi de uma criança que tive, pois estava sentado na minha barriga, minha mãe sofreu muito durante esse parto, pois pensava que iria perder a mim como filha e seu neto. Mas graças a Deus e com a força de suas orações e cuidado, minha mãe conseguiu salvar a mim e ao meu filho. Devo a minha vida por duas vezes a minha mãe, por ter me dado a vida e cuidado de mim e por me ajudar a trazer meus filhos ao mundo, pois além desse ela fez vários partos meu”. Através do relato de sua filha, percebemos o quanto Ana Januário era dedicada ao ofício que lhe foi ensinado. Ela fez o parto de todas as suas filhas e se orgulhava por poder segurar seus netos, ajudando a vir ao mundo e acreditar que Deus lhe concedeu esse dom de poder ajudar muitas mulheres no momento mais importante de suas vidas. Assim, Ana Januário tornou-se uma pessoa muito importante na vida de muitas mulheres na comunidade Serra do Catolé. Ao escutá-la sobre as histórias de parteira, Ana Januário, relatava que no dia em que uma criança nascia na comunidade era motivo de muita festa, para anunciar a chegada da criança, soltava-se fogos de artifício para que toda comunidade soubesse que aquela família estava feliz e que havia dado tudo certo no nascimento da criança. Atualmente com a medicina moderna, as mulheres que antes faziam seus partos em casa e eram assistidas por outras mulheres da comunidade, estão indo para a maternidade. Então as parteiras que ainda existem na comunidade Serra do catolé não exercem mais sua função como parteira. O nascimento está cercado de procedimentos técnicos desenvolvidos para aumentar a segurança da mulher no momento do parto, porém

está afastado da família, do componente humano e afetivo. Os acontecimentos sobre a gravidez na época da minha avó, da minha mãe, na hora do parto, do cuidado, do carinho, a alegria de festejar o nascimento de uma criança na comunidade eram decifrados por práticas e gestos de uma cultura essencialmente feminina que ainda trilhava muito distante ao olhar da Medicina. Hoje esse momento se torna apenas mais uma criança que veio ao mundo. Totalmente naturalistas, as práticas das parteiras eram tratamento mágicos que somados ao saber ancestral, que as identificam com a natureza e a Mãe Terra, lhes conferia um grande prestígio social e respeito.

História de vida de Irene Dourado de Souza avó de Suzanna Dourado da Silva

DO SERINGAL À CAPITAL

Irene Dourado de Souza nasceu no dia 17 de março de 1914, numa localidade chamada Castanhal no estado do Pará. Sua história de vida é muito presente em nossas vidas, apesar de que nosso contato durou poucos anos, pois morreu quando eu ainda tinha 12 anos. Recordo que desde criança escuto os ensinamentos de minha avó para minha mãe e de como esta última nos repassava esses valores. Minha avó quando sua mãe ficou viúva, muito jovem foi doada para a família do coronel Pinheiro, seringalista em Tarauacá, estado do Acre, para que tivesse uma vida melhor. Minha avó viveu na casa do coronel Pinheiro até seu casamento aos 21 anos de idade. Mudou-se para Feijó - Acre, em 1937 com a família de seu esposo José Ribamar Ferreira de Souza e já com a primeira filha, a tia Maria. Lá compraram o Seringal Recreio à margem direita do rio Envira. Ali se dedicaram com muito afincos no corte da seringa. Meu bisavô dividiu o Seringal Recreio entre seus filhos e a parte que tocou ao meu avô era privilegiada pela beleza. Meu bisavô comprou uma ilha de praias lindas e doou ao seu filho caçula, meu avô, e pediu em troca duas estradas de seringas do seringal, Segundo minha mãe e outras pessoas que conheceram meus avós, ele era muito trabalhador, assim como minha avó. Neste lugar privilegiado, eles logo prosperaram, o que possibilitaria uma vida tranquila para minha avó e seus filhos. Mas a vida sempre é uma caixa de surpresas. Minha avó ficou viúva muito jovem, meu avô, com 38 anos faleceu e deixou minha avó com 8 filhos: Maria, Rita, Antônio, Iraci, Nazaré, Manoel, as gêmeas Maria Mary, Maria Sevy (minha mãe) e um ainda no ventre (José). Depois da morte do meu avô, minha avó arrendou as estradas de seringas e se dedicou à plan-

tação de muitas lavouras, à criação de animais, à coleta, caça e pesca. Minha avó era uma mulher além de trabalhadora, era muito religiosa, ética, solidária e assim garantiu o sustento de seus filhos bem como boa formação familiar. Tenho visualizado na memória uma lembrança que não é minha, mas de minha mãe com seus irmãos. Eles tinham uma mãe que lutou bravamente por sua segurança e ofertou uma infância regada de brincadeiras, desafios, encantamentos que só os viventes da Amazônia podem experienciar. Também visualizo os momentos de dificuldades que eles enfrentaram, como o medo do abandono ao perder meu avô, o desespero por terem sua casa queimada e o momento da partida do seringal rumo a capital. Minha avó sempre priorizou a educação dos filhos. Minha avó era muito sábia. Ela dominava os conhecimentos ancestrais da floresta, e sabia quando utilizá-los para o bem da floresta, a terra e seus elementos eram realmente seus amigos. De fato, acredito que ela era mulher à frente da época, com seus conhecimentos e sua forma de visualizar o mundo das coisas. Seus filhos sempre foram a sua prioridade, e quando os mais velhos precisaram mudar para a cidade para continuar os estudos, esta encarregou aos familiares e amigos, o acolhimento e o cuidado destes, para que ela, juntamente com os mais jovens, permanecesse no seringal para produzir e apoiar o estudo dos mais velhos. Minha avó alfabetizou todos os filhos, e as gêmeas, Sevy e Mavy aos cinco anos já sabiam ler, o que despertava curiosidade da comunidade local, o que faziam levar livros diferentes para “testar” o conhecimento das meninas. Quando os mais jovens já alcançaram a idade de avançar nos estudos, minha avó acabou vendendo suas terras e mudou-se para a capital, a fim de reencontrar seus filhos mais velhos. Duas já tinham se casado (Maria e Iraci), uma vivia no Rio de Janeiro (Rita). Minhas tias Iraci e Nazaré compraram um terreno no bairro do bosque em Rio Branco e ali, meu tio Antônio começou a construir, com suas próprias mãos, uma casinha branca de madeira, com um belo acabamento. A vida na cidade era mais difícil, mas apesar de toda dificuldade os seus filhos estavam reunidos e agora davam prosseguimento em suas vidas de trabalho e estudo. Por muito tempo minha avó dedicou-se a lavar roupas para contribuir com as despesas da casa, bem como a fazer seus trabalhos com renda de bilros, uma das prendas aprendidas na casa do coronel Pinheiro e sua esposa Albélia Pinheiro que foi para minha avó, uma mãe. Muitos detalhes foram subtraídos deste relato de vida, mas dentro de mim, onde a essência destes estão aflorando, vem um turbilhão de informações, imagens, sons, cheiros, todos não vividos por mim, mas repassados pelas vivências de minha

mãe ao se referir aos ensinamentos de minha avó. Lembro-me, especificamente, de um dia que minha mãe contou que tentou fazer uma surpresa para minha avó, vindo de Manaus – AM, cidade que se mudou para fazer graduação, para Rio Branco – AC, nas férias, e minha avó perguntou o que ela estava fazendo lá. Minha mãe disse que sentiu muita tristeza, que se sentiu rejeitada, mas hoje, ao pensar nos percalços de minha avó, ela sabe que o que ela queria era que minha mãe estudasse, que fosse forte e soubesse lidar com as dificuldades da vida. Minha avó criou e formou todos os seus filhos, e descansou em paz, aos 84 anos, nos braços de seus filhos e netos. Um momento difícil para todos aconteceu com sua partida física, mas a lembrança de seus vários momentos permanece até hoje, principalmente para nós, as mulheres da família, que aprendemos a como ser fortes e a desafiar “a condição de mulher”.

História de vida de Alaíde Bispo do Nascimento
avó de Ednair Rodrigues do Nascimento

MULHER SUBVERSIVA

Alaíde nascida em 22 setembro de 1914 no seringal São Domingos nas proximidades da antiga vila Santo Antônio do Rio Madeira, na época ainda estado do Amazonas, era a filha mais velha de três irmãs. Sua Mãe se chamava Maria e seu Pai Massimino, Maria foi uma mãe jovem de origem indígena que havia sido vendida a àquele que chamou de marido, ainda muito menina. Já Massimino era um sergipano maduro, regatão, leitor de cartas e conhecido por ser desprovido de beleza e por isso nunca havia se casado até que um dia comprou a Jovem Maria, dando em troca uma lata de manteiga. Aos 4 anos perdeu sua mãe, ela fora roubada por um homem durante uma tempestade, gerando um grande trauma e cicatrizes. Sem a mãe, sem alguém que as cuidasse, ela e suas irmãs foram parar no orfanato Maravilha, no baixo Rio Madeira. Ficando lá até os 9 anos, quando seu pai a buscou. Seu nome era Aladina Barreto da Costa, seu pai lhe deu esse nome em homenagem ao Romance Mil e uma noites. Porém odiava seu nome por ser diferente, e adotou o apelido de infância “Neném”, usando por toda vida. Aos 21 anos ainda não havia se casado. Muitos diziam que era porque tinha a aparência de seu pai, cabelos muito crespos e de “cor de fogo” (por não gostar deles, sempre usava lenços para encobri-los), tinha pele branca e sardenta. E sempre ouvia de seu pai, “Neném você nunca se casará, já que é muito parecida comigo”. Mas, apesar da semelhança com seu pai, era uma mulher que chamava muita atenção, pelos grandes

olhos pretos, lábios carnudos e sorriso farto, tinha também um belo corpo. Era uma ótima dançarina. Em uma festa de São João conheceu um músico de lindos olhos azuis que tocava rabeça. Decidida, que ele seria seu marido, participou de todos os arraiaiais até chamar sua atenção. Pouco tempo depois casou-se com ele. Entretanto, ledô engano, ele tinha apenas lindos olhos azuis e mais nada, era vazio por dentro. Com uma semana de casada descobriu que tudo que havia em sua casa era emprestado (panelas, lençóis, copos...), inclusive seu vestido e aliança de casamento, apesar de toda decepção, seguiu com o casamento, pois, uma mulher naquela época só teria outra opção, caso deixasse o marido, que era virar mulher da vida. Teve 5 filhos. A primeira morreu recém-nascida por inanição devido a fome que passara durante toda gestação. Decidida a minimizar seu sofrimento e que não perderia mais filhos para fome, começou a plantar e negociar com seus vizinhos fazendo escambo e meeira. Após seis anos de casamento decidiu que não ficaria mais com aquele homem, indo em busca de melhoria de vida na cidade. Colocou seus 4 filhos na canoa, galinhas, cachorros e partiu sem olhar para trás. Morou de favor, lavou roupa e vendeu bolo de macaxeira, munguzá e tapioca nas feiras e ruas, seus dois filhos mais velhos Albertina e Francisco lhe ajudavam. Recebera várias propostas de casamento, mas em sua maioria teria que abandonar seus filhos. Certa vez recebeu uma proposta de um jovem rapaz paraibano que viera a Porto Velho para trabalhar nos correios, apesar de saber que ele tinha um bom emprego, gostava dela e prometera que cuidaria de seus filhos, não quis aceitar, pois era 8 anos mais jovem que ela. Um tempo depois conheceu um homem solteiro que tinha sua idade e era da Guarda Territorial e, também, propôs casamento. Ele era negro, alto forte e de boa aparência, mas tinha um problema na sua voz, que era fina. Porém avaliou e lhe propôs que se ele registrasse no cartório seus filhos ela se casaria com ele. No dia seguinte ele chegou com a certidão de nascimento de seus filhos. Foram morar juntos Alaíde, que outrora se chamara Aladina Barreto da Costa, que nunca tinha sido registrada, aproveitou o momento do seu casamento e mudou seu nome e sobrenome, deixando todas as marcas de uma vida de sofrimento para trás. De agora em diante, com muita fé e esperança, essa adotou o nome de Alaíde Bispo do Nascimento, entregando-se de corpo e alma ao momento presente. O novo casal teve mais 4 filhos, o segundo filho morreria aos seis anos de meningite, o mais velho teve paralisia infantil, mas ficou sem sequelas. Foi um casamento longo e marcado por muitas conquistas, superações

e perdas. Ela viveu até os 91 anos, enterrou 6 filhos e criou inúmeros netos, sendo uma grande matriarca

História de vida de Maria José Nascimento dos Santos avó de Laisse Andressa Nascimento dos Santos

DA CAVERNA AO PALÁCIO

Início esse texto falando de uma das pessoas mais importantes da minha vida, pois ela foi responsável por minha educação e minha guarda durante 12 anos (0-12 anos). Por que Da caverna ao palácio? Imagina uma jovem cheia de sonhos e sempre tão temente e agradecida a DEUS, começar sua vida com seu futuro esposo aos 15 anos? Pois essa pessoa idealizada, do gênero feminino, descrito acima é Maria José Nascimento dos Santos, filha mais velha de Amélia Viana do Nascimento e José Rodrigues do Nascimento. Nascida no dia 08 de junho de 1941 no município de Humaitá-AM, vivia em uma “caverna”, pois nesse lugar guardava sonhos, ideais e muitas razões para abrir caminhos para sua descendência, e que sorte a minha que me deparo aqui escrevendo essas linhas em uma sala de espera no aeroporto de Guarulhos, aguardando o meu voo para Porto Velho - RO, para minha casa e minha rotina diária, isso, eu vim de uma caverna. Viver na caverna é deixar todos a sua volta seguros enquanto está escuro, e quando a luz do sol reaparece você precisa treinar os seus a viver longe daquele ambiente confortável pelo costume, e habituar a ter vivências, trocas e experiências para um dia como um pássaro, alçar voos distantes e tranquilos, mesmo que os perigos os cerquem, é necessária essa experiência que não se pode deixar de realizar. Tive um contato bem estreito com a minha bisavó materna e minha avó materna, Maria José, foi a única avó que tive convívio mais próximo e, também, foi ela quem ficou comigo enquanto a minha mãe precisava estudar e trabalhar, para me sustentar e auxiliar na renda mensal. Tenho memórias fantásticas dela gerenciando alimentação e afazeres domésticos, distribuídos por idade e por quem permanecia com ela, enquanto outros iam se organizando para uma vida independente. Maria José tinha um apelido carinhoso que ela atendia bem quando a chamavam, Zeca, era chamada também de dona Maria ou Estefa, e buscando aqui na minha cabeça, Zeca sempre buscou meios para não deixar nem o seu esposo João Firmino dos Santos, o Caçula, nem seus filhos, netos e bisnetos desassistidos. É certo que eu tive uma ligação muito forte com minha avó, e sei que minhas filhas já não terão esse elo tão importante (não sei se por serem bisnetas ou se por eu ser quase filha de avó), mas, elas escutam as mesmas fra-

ses que eu sempre escutei e por causa de Maria José, hoje moram no palácio. Das decisões que tomei na vida, a mais importante e precoce foi quando eu tinha 12 anos e decidi morar com a minha mãe em Porto Velho. Quando mudamos da caverna escura para o palácio, tratamos das conquistas travadas por Maria José e das escolhas que podemos ter hoje mediada pelas vivências dela, méritos totalmente dela. De alcançarmos voos tão altos foi ela a responsável por preceder essas conquistas. Considerar a fala da sujeita pesquisada é muito importante para que a história não seja contada somente pela percepção das pesquisadoras, foi necessário assim, construir uma produção em que a sujeita tivesse a oportunidade de contar como percebe a sua trajetória por meio de assuntos sistematizados e previamente coletado para este fim (Dourado da Silva, Almeida Silva, 2020). Trabalhando na escola Premem, realizava atividades de serviços gerais, como auxiliar a fazer e servir a merenda, varrer e passar pano nas salas, limpar a lousa, e as carteiras. Anos mais tarde, Maria José foi até a Escola Salesiana Dom Bosco, averiguar com o diretor a possibilidade de ir trabalhar, para aumentar a renda familiar; nessa época não era necessário realizar concurso público, e foi assim que Maria José iniciou suas atividades laborais durante alguns anos pela Secretaria de Estado de Educação – SEDUC / Amazonas, onde recebeu todos os meses pelo seu serviço “Fui falar com o diretor para ver se tinha vaga. Era pelo estado SEDUC”. Nos anos da década de 1990, tomando conta do seu sítio, João Firmino precisou tomar uma decisão em família. Quando o caseiro não pôde mais ficar responsável pela vigilância, foi então que Maria José decidiu deixar a casa na região urbana e mudar para o sítio, para seguir com João Firmino e juntos tomarem conta de seu sítio, afinal João não precisaria mais ir e voltar todos os dias do sítio para a sua casa na cidade. O que Maria José mais gostava de fazer na sua casa na área rural era trabalhar com plantio, pois plantava e colhia, gostava de lavar mandioca, cana, melancia, jerimum e milho; era uma forma de trabalho que se podia ver os frutos sendo colhidos. Como esporte, gostava de pescar, e pegava pacu, mandi, aracu, traíra e jiju, e era o alimento da família durante alguns dias, “pois eu gosto muito de pescar, o meu esporte é pescar”. Na vida social, Maria José tinha um círculo de amigas que fez amizade no ambiente de trabalho e na vida, são elas dona Lulu, dona Inês, dona Eunice, dona Helena (in memoriam). “Nunca mais vi elas, porque antes quando ia no banco receber dinheiro, era pela letra do nome, e a gente se via lá. Agora no caixa eletrônico, cada uma vai no dia que pode, não dá mais para a gente se ver”. Ao ser questionada sobre os momentos

felizes em sua vida, Maria falou que só tem lembrança de momentos bons, pois considera a vida boa. Quanto aos momentos ruins, considera negativo não poder fazer algo que quer “querer fazer algo e não poder, é difícil”. Foi esta frase de Maria José durante uma vídeochamada, que me fez entender que não era só por ela se encontrar adoecida que a vida estava fora do habitual, “é chato à beça, não poder fazer as nossas coisas, é muito ruim. Estou tossindo muito e fica doendo a minha goela, acho que está inflamada, não dá para comer direito”. Mas, a impossibilidade de ela realizar atividades simples, a deixava muito incomodada e entristecida, e constantemente passava suas atribuições domésticas para que as outras mulheres da família executassem, como ela as desempenhava. Maria José ficou adoentada durante muitos meses (entre os meses de abril a outubro do ano de 2023) com uma úlcera na perna direita o que a deixava com alergia e irritabilidade na pele, o tratamento foi longo, causava dor e necessitava usar uma bota que comprimia e o incômodo se tornava angustiante. Passados esse tempo do tratamento, Maria José ficou totalmente curada da úlcera, onde ela atribuiu este mal-estar a uma picada de cobra, fato ocorrido no ano de 2005. Mas, no dia primeiro de dezembro de 2023, recebemos uma notícia preocupante, o laudo do exame do final do mês de novembro do mesmo ano apontava lesão pulmonar, onde acreditamos que ela sairia dessa bem novamente, afinal era uma mulher forte. O diagnóstico de neoplasia no pulmão, foi uma decisão em família de não falarmos para que Maria José não ficasse entristecida com o resultado, mesmo que uma das netas considerasse importante, que ela conhecesse sobre seu estado de saúde; achávamos que ela pudesse ficar mais introspectiva. Maria José ainda fez uma sessão de psicoterapia, e foi uma pessoa que acreditou no potencial da intervenção da saúde mental. Quem a informou da doença foi o médico paliativista, e ela ficou inerte com o passar dos dias, pediu somente união em família. E foi assim que no dia 28 de março de 2024, Maria José foi morar em outro endereço. Fica para mim, para as mulheres da minha família e para todas as mulheres do mundo, o valor da imprescindível luta e conquista da precedente de nossas famílias de abrir caminho, iluminar a caverna e nos conduzir ao palácio.

História de vida de Maria Lúcia Martiniano de Sousa avó de Jéssica Ribeiro Sousa

SEM CAIR, SEM RECUAR E SEM TEMER

Em meados dos anos 70, Maria Lucia Martiniano de Sousa saiu do estado do Ceará, com destino ao norte do Brasil,

acompanhando seu esposo, Nelson Gomes de Sousa que foi ao encontro de uma oportunidade de trabalho na mineração, atividade que atraía pessoas de várias regiões do país. Em 1972, chegaram à Mineração Paranaapanema Indústria e Construção, onde passaram a residir. Enquanto os homens trabalhavam em suas atribuições na empresa, as esposas faziam serviços autônomos para acrescentar a renda da família. Maria Lucia trabalhava lavando roupas para outras famílias e para os homens solteiros, fazia dindins, cocadas, bolos e pastéis para venda. Em 1981, a família migrou para Porto Velho, onde continuaram suas atividades, mas, naquele momento, com um público diverso, pois antes os clientes eram os trabalhadores da mineração e seus familiares. Na época, Maria Lucia começou a trabalhar como doméstica, em casa de família. A cidade não tinha estrutura, situação que tornava sua rotina mais árdua; a dificuldade para locomoção e as distâncias tomavam muito tempo, pois ela só “andava a pé”. Naquele tempo, Maria tinha seis filhos; então, os maiores ajudavam a cuidar dos menores. Após esse período, já na década de 80, ela começou a trabalhar como camelô, em uma pequena tenda. Vendia sapatos, bolsas, roupas e acessórios. A mercadoria era adquirida sem pagamento e no final do dia acontecia o acerto do que havia vendido. No dia seguinte, acontecia a mesma rotina. Nos anos 90, Maria Lucia, agora com sete filhos, abriu uma mercearia em frente a sua residência. Ali permaneceu até o ano de 2019, quando teve um infarto, aos 72 anos; contudo, sobreviveu. Passou a receber um auxílio assistencial do INSS e residiu no mesmo lugar, no Bairro Liberdade, com seu esposo, a filha mais nova e três netos. Aos 76 anos, ela seguia contando sua história de bravura e com orgulho da mulher nordestina e forte que é. Maria Lúcia foi uma mulher que sobreviveu a abortos, sofrimentos e doenças, em uma época em que as mulheres não eram reconhecidas pelas suas contribuições. Ela lutou bravamente contra um câncer e, mesmo assim, ainda tinha forças para sorrir. Sua história não é apenas sua, mas reflete a realidade de muitas mulheres que fizeram e fazem um esforço inimaginável para ter acesso ao estudo, ao trabalho, ou simplesmente a uma vida digna. Maria Lúcia pode ser sua vizinha, sua avó, ou alguém que você não conheceu, mas que existiu e resistiu em uma época extremamente machista e com pouquíssimos recursos para a saúde e proteção das mulheres. Na época que este artigo estava sendo elaborado, Maria Lucia veio a falecer, mas o legado continua, e continua mais forte pois compartilhamos com vocês a sua história de luta, sem recuar, sem cair e sem temer.

Análise fenomenológica dos relatos de vida

Em atenção aos relatos de vida, bem como do uso do método fenomenológico para a análise dos fenômenos por eles mesmos, apresentamos uma interpretação das cinco histórias, contadas pelas netas. Nossa atenção foi voltada para as práticas feministas desenvolvidas, sem mesmo ter consciência de tais feitos, e encontramos quatro eixos centrais, ou categorias de análises que conectam estas mulheres de cidades, tempos e modos de vidas distintos. Estes são: resistência e empoderamento econômico; luta contra estereótipos e expectativas sociais; foco na educação dos filhos; resiliência e enfrentamento de adversidades.

Resistência e empoderamento econômico

Todas as histórias destacam mulheres que enfrentaram dificuldades financeiras e se tornaram independentes economicamente.

1. Ana Januário buscou criar seus filhos após ser abandonada pelo marido. Trabalhou nas lavouras para sustentar a família.
2. Irene Dourado após ficar viúva, arrendou estradas de seringas e se dedicou a várias atividades, inclusive plantação, para sustentar seus filhos.
3. Alaíde enfrentou um casamento difícil, mas após decidir por uma vida melhor, partiu para a cidade, trabalhou e garantiu a sobrevivência e educação de seus filhos.
4. Maria José passou de viver em condições humildes para trabalhar e contribuir significativamente para a renda familiar, tornou-se uma mulher economicamente ativa.
5. Maria Lucia também buscou estratégias de sustentar sua família, com lavagem de roupa, venda comidas diversas, venda de produtos

como camelô e na administração de uma mercearia.

Luta contra estereótipos e expectativas sociais

Todas as histórias apresentam lutas travadas por nossas avós contra os estereótipos em voga, mas que ainda hoje fazem parte de uma sociedade machista e sexista.

1. Ana Januário enfrentou críticas e preconceitos por ser uma mulher separada, mas lutou pela sua dignidade enquanto mulher.
2. Irene Dourado desafiou as expectativas ao se dedicar ao trabalho e à criação dos filhos após a morte do marido, superou obstáculos e alcançou seus objetivos.
3. Alaíde recusou propostas de casamento que a obrigariam a abandonar seus filhos, escolheu a independência e a criação autônoma, até encontrar alguém que a valorizasse e aos seus filhos.
4. Maria José partiu para a cidade, enfrentou o desafio de criar os filhos com o apoio do marido, e se colocou no mercado do trabalho, e mudou de uma “caverna” para um “palácio”, simboliza o avanço social.
5. Maria Lucia atuou em diversas atividades tradicionalmente associadas a homens, como o comércio, desafiou os papéis de gênero tradicionais.

Foco na educação dos filhos

Todas as histórias destacam a importância que essas mulheres deram à educação de seus filhos.

1. Ana Januário dedicou-se à criação dos filhos, enfrentou dificuldades, e sempre valorizou a educação.
2. Irene Dourado priorizou a educação dos filhos, garantiu que fossem alfabetizados e tivessem oportunidades de estudo ao mudar do seringal para a capital.
3. Alaíde, apesar de ser analfabeta, fez com que todos os seus filhos fossem alfabetizados e priorizou a educação como meio de superação das dificuldades.
4. Maria José contribuiu para a educação de seus filhos, incentivou o estudo e a independência.
5. Maria Lucia buscou sustentar a família para garantir a educação dos filhos, demonstrou o valor que atribui a esse aspecto.

Resiliência e enfrentamento de adversidades

Cada história destaca a resiliência dessas mulheres diante de adversidades como abandono, viuvez, dificuldades econômicas e doenças.

1. Ana Januário enfrentou o abandono do marido, trabalhou nas lavouras e superou as dificuldades e se tornou parteira, encontrou no ofício a sua estratégia de ajudar aos outros.
2. Irene Dourado superou a viuvez jovem, enfrentou desafios de manter-se economicamente ativa em uma época que mulheres não comandavam terras, e assim possibilitou investir na criação dos filhos e seguiu adiante.
3. Alaíde enfrentou as mentiras de um casamento difícil, buscou a independência financeira em outra cidade, enfrentou as adversidades da vida e reencontrou a felicidade de viver com seus filhos, que eram seu bem mais precioso.
4. Maria José passou de uma vida humilde para uma vida mais confortável em decorrência da decisão de buscar um emprego com

maior dignidade para ajudar a criar seus filhos e netos.

5. Maria Lucia sobreviveu a um infarto e lutou bravamente contra um câncer, sempre com um sorriso no rosto, mostrou resiliência diante de desafios de saúde.

Essas histórias refletem a diversidade de experiências e desafios enfrentados por mulheres ao longo do tempo, destacam a resiliência, a busca por independência e a importância dada à educação. Elas contribuem para a compreensão da luta feminista, que busca igualdade de oportunidades, reconhecimento e respeito para as mulheres em diversas esferas da vida.

Essas cinco mulheres, mesmo talvez desconhecêssem o termo “feminismo” como o entendemos hoje, foram verdadeiras protagonistas de ensinamentos, lutas e resistências femininas. Cada uma delas, em seu contexto e período histórico, enfrentaram desafios e adversidades, deixaram um legado de força e determinação que transcende gerações.

Contribuições para seus descendentes

Diante destas histórias, destacamos as contribuições em dois eixos: ensinamentos e lutas; contribuições para um mundo mais justo, pois este é o legado de nossas ancestrais para nossas famílias, principalmente para as mulheres. Esperamos que este ensaio possa ajudar a valorizar os feitos das mulheres, principalmente as pertencentes a Amazônia brasileira, e que cada filha, neta, amiga, vizinha, companheira, valorizem sempre os ensinamentos de suas antepassadas, os vivam e transmitam por meio de atos, ações, escritas e ensinamentos.

Ensinamentos e lutas

1. Ana Januário foi uma mulher determinada, corajosa e resistente. Enfrentou as dificulda-

des da vida desde muito cedo, sofreu com o estereótipo de “mãe solteira”, após sem abandonada pelo marido. Seu ensinamento para enfrentar o sofrimento de frente é um exemplo de resiliência. Seu trabalho como parteira oportunizou uma vida de doação, cuidado e amor para com toda a comunidade envolvente.

2. Irene enfrentou a viuvez precoce e, mesmo em um contexto desafiador na região amazônica, dedicou-se a garantir a educação de seus filhos. Sua sabedoria na administração familiar e no estímulo à educação demonstra sua força e visão de futuro. Sua relação com a terra ensinou que bons frutos são colhidos quando se planta com amor e respeito.
3. Alaíde, conhecida como Neném, enfrentou a rejeição social por sua aparência, mas não se deixou abater. Ao decidir não permanecer em um casamento infeliz, buscou autonomia, sustentou seus filhos com seu trabalho árduo. Ensinou que com amor, luta e perseverança o amanhã pode ser melhor. Seu sustento por muitos anos veio da terra e soube aproveitar essa relação com muita sabedoria.
4. Maria José, também conhecida como Zeca, desempenhou um papel fundamental na criação e educação de seus filhos e netos. Seu esforço para proporcionar uma vida melhor é evidente desde a mudança da “caverna” para o “palácio”. A fé em Deus, assim como sua fé na humanidade proporcionou um cuidado e proteção aos seus familiares se a comunidade do entorno, se tornou referência para muitos.
5. Maria Lucia enfrentou múltiplos desafios, de abortos a doenças, enquanto sustentava sua família. Sua atuação como empreendedora e provedora demonstrou uma persistência admirável. Sua leveza em viver o dia a dia, assim como sua esperança em dias melhores,

pode contagiar a todos que lhe conheceram e continuam a alimentar por meio de nossas memórias.

Contribuição para um mundo mais justo

1. Além de criar seus filhos com amor e dedicação, Ana Januário desafiou as normas sociais da época ao não ceder seus filhos para criação, mesmo diante das dificuldades financeiras. Sua atitude contribuiu para desconstruir estereótipos e reforçou a importância da autonomia feminina.
2. Ao priorizar o cuidado dos filhos e não vender suas terras logo que se tornou viúva, Irene quebrou barreiras sociais, de modo que destacou-se a importância da autonomia feminina para superar dificuldades. Seu legado evidencia a participação ativa das mulheres na formação de famílias e na construção de comunidades mais justas.
3. Ao escolher a independência em relação a um casamento prejudicial, Alaíde desafiou as normas da sociedade de sua época. Sua trajetória inspira a busca por relações igualitárias e o rompimento de padrões opressores.
4. Ao alçar voos distantes e romper com a vida na “caverna”, Maria José inspira a ideia de que as mulheres podem conquistar autonomia e liderar suas famílias em direção a um futuro mais promissor.
5. Ao superar adversidades e buscar alternativas para garantir o sustento da família, Maria Lucia ressalta a importância da resiliência feminina. Sua história reflete a luta constante das mulheres por uma vida digna.

Essas mulheres, mesmo em tempos e lugares distintos, deixaram um impacto duradouro, moldaram

não apenas as vidas de seus filhos, mas também contribuíram para a construção de um mundo mais justo e igualitário mediante à valorização do *ser mulher*. Seus ensinamentos e atitudes resistiram ao tempo, inspiraram gerações a desafiar as limitações impostas pelo gênero e a buscarem seus próprios caminhos.

Considerações finais

Nas cinco histórias narradas, destacam-se mulheres corajosas que, mesmo desconhecendo o termo “feminismo”, protagonizaram ensinamentos, lutas e resistências. Ana Januário, Irene Dourado, Alaíde Bispo, Maria José e Maria Lucia enfrentaram desafios marcantes em suas vidas. Estas se mostraram valentes e destemidas na busca de cuidado e proteção aos seus filhos, muitas vezes sangraram-se por dentro, estas emergiam das cinzas e recomeçaram tudo outra vez.

Originárias de diferentes contextos geográficos e sociais, essas mulheres foram fundamentais para moldar o futuro de suas famílias, dedicaram-se incansavelmente a proporcionar um mundo mais justo e igualitário para seus filhos agora nos braços da Amazônia brasileira, respeitaram e valorizaram a terra e o que se pode colher por meio do trabalho realizado com suas mãos.

A vida social e comunitária demonstra um sentimento empático pelo *outro eu*, em que muitas vezes silenciaram as dores internas e criaram forças quase sobrenaturais para lidar com as adversidades da vida. Mulheres que não desistiram de ser mães, filhas, amigas, esposas e companheiras. Mulheres de lutas admiráveis que hoje são exemplos para toda uma comunidade.

Por meio destes relatos de vida, compreendeu-se que muitas mulheres “comuns” são símbolos de inspiração, e passam a iluminar o caminho com sua coragem, resiliência e sabedoria. Essas mulheres, muitas vezes esquecidas nos registros históricos formais, são as protagonistas de narrativas familiares, transmiti-

ram valores fundamentais e moldaram gerações. Neste contexto, estas vidas transcendem as fronteiras do comum, delineam uma trajetória de ensinamentos, lutas e resistências femininas.

Essas mulheres, ao enfrentarem desafios com bravura, ergueram as fundações de um futuro mais promissor para suas famílias, desafiaram normas sociais e promoveram a equidade de maneiras sutis, mas poderosas. Neste mosaico de vidas, celebramos não apenas as mulheres em questão, mas todas as mulheres que, em suas histórias individuais, contribuíram para a tessitura do tapete da igualdade e justiça. Que essas narrativas inspirem reflexões sobre a importância de reconhecer e honrar as lutas cotidianas das mulheres, independentemente do palco em que ocorram, para que possamos continuar com o avanço na busca por uma sociedade mais equitativa.

Conflitos de interesse. Os autores não têm conflitos de interesse na redação ou publicação deste artigo.

Financiamento.

Implicações éticas. Por se tratar de uma revisão, este artigo não tem implicações éticas.

Contribuição. XXX: conceituação, curadoria de dados, análise formal, aquisição de recursos, pesquisa, metodologia, gerenciamento de projetos, recursos, software, supervisão, validação, visualização, redação (rascunho original), redação (revisão e revisão/correção do rascunho).

Referências

- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia* / Angela Ales Bello; tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc.
- Ales Bello, A. (2015). *Pessoa e Comunidade: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein.*; tradução Miguel Mahfoud, Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte. Ed: Artesã.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Dourado da Silva, S.; Almeida Silva, A. (2020). *O Protagonismo Invisibilizado da Mulher na Floresta da Amazônia Acreana*. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 11, n.1, p. 20-34, 2020. ISSN 21772886.
- Dourado da Silva, S. (2017) Mulheres como Propulsoras de Desenvolvimento Econômico Solidário: Uma Análise dos Empreendimentos Solidários no Município de Rio Branco. *Dissertação (Mestrado em Geografia)*, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho - RO.
- Dourado da Silva, S. (2024) Meus passos, meu caminhar: análise da reconfiguração espacial urbana de Rio Branco a partir do empreendimento habitacional Cidade do Povo e a configuração dos marcadores territoriais transitórios. *Tese (Doutorado em Geografia)*, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho - RO.
- Geledés. Portal de Notícias. (2014). *E eu não sou uma mulher?* Por Sojourner Truth. Tradução: Osmundo Pinho. Publicação: 08/01/2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>.
- Guattari, F. (1992). Da produção da subjetividade. In: Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. – São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais.
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. / Tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Nascimento Silva, M. G. S. (2011) Geografia e Gênero em assentamentos rurais: Espaços de poder. In: SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. (Orgs.). *Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras*. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 137-147.
- Nascimento Silva, M. G.S. (2000). *O Espaço Ribeirinho*. São Paulo. Editora Terceira Margem.
- Nascimento Silva, M. G.S. (2004). Parteiros ribeirinhas: saúde da mulher e o saber local. *Tese de Doutorado (em Ciências Socioambiental e Desenvolvimento Sustentável)* - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém-Pará.
- Organização das Nações Unidas – ONU. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

- Perrot, M. (1988). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. – Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Silva, J. M.; Nascimento Silva, M. G. S. (2014). Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial do Brasil: em direção às pluridiversidades do saber geográfico. *In: Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial / Organização Nascimento Silva, M. G. S., Silva, J. M.* Ponta Grossa, Toda Palavra. 360 p.
- Simonian, L. T. L. (2001). Mulheres da Amazônia brasileira: entre o trabalho e a cultura. Belém: UFPA/NAEA.
- Stein, E. (2002). Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del Espíritu. *In. Obras Completas II. Escritos Filosóficos (Etapa fenomenológica: 1915-1920)*. Editorial Espiritualidad. p. 207-503.
- Stein, E. (2003). Estructura de la persona humana. *In: Obras Completas IV. Escritos Antropológicos y pedagógicos. (Magisterio de vida cristiana, 1926-1933)*. Editorial Espiritualidad p. 555-749.